REVISTA FLUMINENSE DE GEOGRAFIA 2

REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS - SEÇÃO NITERÓI
ANO 1 - JUL/JDEZ DE 2005
ISSN 1980-9018

A Geografia e o Conceito de Espaço: Uma Reflexão

Geography and the Concept of Space: a reflexion

O Autor

Eduardo José Pereira Maia
Professor Assistente da
Universidade Federal de Viçosa

Resumo

O texto trata de um breve histórico que permite discutir a categoria espaço enquanto conceito geográfico, bem como ampliar a geograficidade da noção de espaço através de outras categorias e conceitos utilizados cotidianamente.

Palavras-Chave

Geografia – espaço – lugar – aprendizagem

Abstract

A brief history which permits to discuss the category space as a geographic concept, such as amplify its geographic notion to others categories and concepts which have daily use.

Keywords

Geography – space – place - learning

Apresentação

A escolha do tema foi fruto de debates na disciplina de epistemologia da educação, na qual, de uma certa forma, fui estimulado a pensar um conceito caro para a ciência geográfica (seu objeto de estudo) como categoria filosófica.
Por que a escolha da categoria Espaço? É uma questão de difícil resposta, pois com estímulo de minha formação no método materialista-histórico-dialético deveria privilegiar a categoria Tempo. Muitos autores, inclusive pertencentes à área do conhecimento Geográfico, consideram que Marx negligenciou o Espaço. Assim, venho não em tentativa de defendê-lo, ele não precisaria disso, mas em tentar colocar a questão do Espaço no centro do debate que é de fundamental importância. Aliás, como tenta fazer Yves Lacoste, quando afirma:

"... Para os marxistas, o essencial da argumentação política em que se trate de problemas regionais, nacionais ou internacionais, se define em relação ao tempo, se expressa em termos históricos, mas ela só raramente faz referência ao espaço e, ainda assim, de uma forma muito alusiva e negligente. É, contudo o espaço que é o domínio estratégico por excelência, o lugar, o terreno onde se defrontam as forças em presença, e onde se travam as lutas atuais" (1989, p. 142).

Uma escolha intrigante, pois, além das provocações das aulas de Epistemologia, o tema remonta à mais intensa preocupação da humanidade: o homem vive em busca do seu espaço/lugar, espaço que lhe foi tomado : a expulsão do homem do Paraíso. Desde então, o homem busca este lugar.
Outra evidência, válida para o espírito filosófico da pesquisa, trata-se da própria mitologia grega. As guerras narradas por Homero, na Ilíada, com batalhas entre troianos e gregos, regadas por uma dose de romantismo da recaptura de Helena por Menelau, servem para ilustrar a disputa por espaços . Ou ainda, o retorno de Odisseu, sua luta para chegar ao lar após a destruição de Tróia, narrada também por Homero em Odisséia.

Introdução

Este pequeno ensaio tem por objetivo situar, se é que é possível, o conceito de Espaço Geográfico, que é um conceito fundamental para o desenvolvimento e manutenção do debate sobre o conceito de espaço

geográfico.
Não estamos tratando, ainda, de uma revisão bibliográfica complexa, mas das primeiras impressões que verificamos da categoria Espaço e noções mais claras e ampliadas do conceito de Espaço Geográfico. É mais um levantamento de referências para reflexões futuras feitas através de uma pesquisa, ainda que não seja minuciosa, mas com o rigor que a temática merece.

O conceito de espaço e suas concepções.
O espaço na filosofia: um breve ensaio.

Na filosofia antiga, o problema do espaço inicialmente foi discutido como oposição entre o cheio e o vazio. Uma oposição entre a matéria e o espaço (Russell, 2001) .
A noção de espaço vai se tornando complexa com a interpretação de espaço como morada das coisas criadas, é o real: o espaço tomou forma dos elementos (Platão, apud Russell, 2001). Sem entrar em um debate profundo e definitivo, a acepção de Platão se aproxima da idéia de receptáculo: o espaço é uma "morada" e nada além disso (Platão, apud Mora, 2001).
O pensamento platônico parece ter influenciado Aristóteles, uma vez que o espaço é concebido por este como lugar. A rigor, sob uma forma de crítica, pois, de acordo com Aristóteles, não é possível conceber coisas sem seu espaço. Segundo o conceito aristotélico de lugar, o espaço não pode ser um receptáculo vazio (Mora, p. 872), pois ele é real, ocupado e transformado.
Os parágrafos anteriores servem para demonstrar brevemente que a noção de espaço é uma preocupação dominante na filosofia antiga e que se estende até os dias atuais.
Os primeiros geógrafos, isto é, aqueles que se ocupavam do espaço geográfico, antes da geografia ser inventada como ciência, eram igualmente filósofos (Santos, 1988, p. 9).
Na Idade Média, as idéias sobre a natureza do espaço se fundamentaram em noções já levantadas pela filosofia antiga. Segundo Santos (1988, p.12), a noção que predominou foi a aristotélica: espaço como lugar. Isso nos faz crer que surgiram outras noções de espaço estabelecidas pelo espaço real e o espaço imaginário. O imaginário: o espaço vazio, do infinito; e o espaço real: o das coisas, dos objetos e das pessoas.
A Idade Moderna traz uma outra concepção que, segundo Douglas Santos, é o nascimento do espaço métrico (2002, p. 33). O espaço ganha propriedades, entre as quais se destacam a do contínuo e a das concepções da geometria euclidiana, dimensão, extensão, etc.
Dois pensadores do século XVIII são importantíssimos para nossa reflexão, pois incorporaram a discussão sobre a natureza do espaço com a natureza do tempo. Foram Isaac Newton e Immanuel Kant. O primeiro definindo o espaço e tempo como absolutos e o segundo, em seu livro Estética Transcendental, afirma:

"O espaço não é um conceito empírico abstraído de experiências externas. (...) é uma representação a priori necessária, que fundamenta todas as intuições externas. É impossível ter uma representação sem haver espaço, conquanto se possa perfeitamente pensar não haver objeto algum no espaço. Dessa forma, consideraremos o espaço a condição de possibilidade dos fenômenos, não uma determinação que dependa deles. O espaço (...) é uma intuição pura." (Kant, 1987 p. 41)

Não devemos relegar, embora falte uma leitura mais atenciosa, a concepção de Hegel sobre o espaço, em que ele considera o espaço como uma fase, um momento no desenvolvimento da dialética dentro de sua concepção idealista. O espaço surge como "generalidade abstrato do ser-fora-de-si da natureza" (Hegel, apud, Inwood, 1992). Esse conceito de espaço, posto pela

filosofia dentro de uma ótica do conceito matemático, é absoluto e até mesmo abstrato.
Hegel refere-se ao espaço como mediação da natureza e à universalidade abstrata da sua exterioridade (1969, p. 18). Para ele, o espaço é uma abstração e afirma que: "(...) o espaço deve considerar apenas como algo de subjetivo na representação " (Hegel, 1969).

Em sua concepção, inspirado na antiguidade clássica, espaço toma conotação de receptáculo de coisas materiais, onde as formas e as idéias têm lugar, segundo o pensamento aristotélico.
A realidade social do século XIX permitiu a interpretação não só do ponto de vista da natureza do espaço, mas, sobretudo, da origem da noção de espaço.
Dentro da Psicologia, o espaço foi considerado como objeto da percepção "e a resposta deu resultado a teorias acerca dos distintos espaços (tátil, auditivo, visual, etc.)" (Mora, 2001). Uma idéia cara para muitos teóricos, entre eles Husserl, para o qual perceber é fenômeno que depende da capacidade do sujeito para decompor um objeto em sua qualidade simples (a sensação) de recompor o objeto como um todo, organizado-o e interpretando (a percepção).
Heidegger foi outro filósofo, polêmico, que tratou do tema espaço. Embora tenha inaugurado uma nova dimensão, considera espaço (Raum) e lugar como sinônimos. Entretanto, deixa claro que o espaço é usado para posição das coisas da mesma forma como é concebida pela física. Dessa maneira, para Heidegger, espaço é espacialidade , esta uma unidade maior e mais complexa que a outra.
Marcelo Escolar interpreta da seguinte forma:

... "a espacialidade é constitutiva da matéria e não espaço: portanto, se o objeto da produção intelectual é o conhecimento, nunca poderia uma condição geral de sua determinação objetiva (a espacialidade) ser um meio de produção ou o seu resultado." "Produzir espaço", conseqüentemente, é impossível. Produzir configurações materiais espacializadas subjetiva ou objetivamente é possível. (Escolar, 1993, p. 17).

Não estamos pretendendo dar limites ou esgotar nenhum debate no campo da Filosofia ou do conhecimento. O conceito de espaço, não bem elaborado pela Filosofia, continuará sendo investigado por outras áreas, principalmente pela Geografia, verificando seus "limites" e propondo novas questões.

O espaço nas áreas do conhecimento.

Como já vimos, o espaço é visto em uma perspectiva teórica filosófica bastante ampla e é apresentado como objeto de estudo de várias ciências. Dessa forma, temos o espaço não como um conceito , mas como uma categoria. Pretendemos buscar um "novo" olhar para o espaço, o que chamaremos mais à frente de espaço geográfico.
O "espaço" é visto segundo interesses específicos, como na Matemática, Sociologia, Arquitetura, Física, Psicologia, etc., sem contar que, no senso comum, o uso da palavra muito freqüente pode levar o observador a entender o espaço como 'Neutro' ou apenas como pano de fundo das relações sociais, e não como resultado destas.
O uso da palavra espaço ganha destaque não só nas diversas ciências, como foi citado acima, mas em dicionários como o Aurélio aparecem cerca de quarenta definições de espaço e a que mais se aproxima da que queremos é o espaço vital .
A natureza polissêmica nos traz problemas à conceituação do espaço

geográfico. Geralmente, a definição de espaço está associada à distância, volume, área, cultural, arquitetônica, mental, enfim, nenhuma definição contempla aquilo que alguns Geógrafos entendem como espaço. Construir um objeto de uma teoria do conhecimento em particular é uma tarefa árdua, visto que tentamos conceituá-lo de forma a não ser confundido com os demais "espaços".
Segundo Angel Pino , antes de entrarmos na análise psicológica do espaço, do "objeto", deve-se fazer uma reflexão sobre a experiência espacial do comum das pessoas e sobre a maneira como o conceito de espaço entra nessa experiência. E faz questionamentos que apontam a dimensão da importância da origem da noção de espaço; o espaço é uma realidade em si? É uma qualidade do real material? É uma mera condição de experiência sensível? (1996, p. 51). A importância dessas reflexões é considerável não só para identificar o que a filosofia não previu, mas para garantir, antes de mais nada, que uma discussão científica tenha matrizes filosóficas e vice-versa.
Na Matemática, o conceito de espaço, aliás, usado com muita freqüência, reporta-se ao conceito clássico de "espaço" euclidiano, como extensão. A partir dessa noção, surgem adjetivos como dimensão, área, volume, comprimento, distância, topografia, etc. Em uma aula de Geografia em que predomine essa acepção, por exemplo, a principal preocupação do conteúdo seria com o conhecimento da extensão do país ou lugar, a sua forma topológica, as dimensões.
A História, como demonstra Miceli (1996, p. 10), interpreta o espaço como temporal, no qual não existem fronteiras, mas fixos (a aldeia, o império, a nação) que oferecem possibilidades de análise por parte do historiador: como "memória – sim, memória enquanto lembrança ou reminiscência; enquanto objetivo e instrumento de poder; enquanto seleção e esquecimento". Mas, ao mesmo tempo, deixa claro que a historiografia tem demonstrado pouco interesse com a temática. Assim, entendemos que a História trata o espaço como um elemento topológico, embora já considere as questões de nação, fronteira, Estado como materialização dos tempos históricos.
As idéias de espaço levantadas acima não são conceitos desenvolvidos pelas ciências citadas, mas uma apropriação das conceituações filosóficas "re-elaboradas".
Outras ciências avançaram sobre as interpretações filosóficas e criaram, na busca de seus objetos, a sua própria conceituação de Espaço. A Geografia é uma dessas ciências que percorre o seu objeto e tem por isso uma história que a acompanha.

A Geografia e o Espaço: a história da construção de um conceito.

Na história da Geografia, como de toda ciência, existem conceitos chaves. Conceitos que passam a ser o "axioma" da ciência. São exemplos os conceitos de valor para os economistas e de cultura para os antropólogos. Isso não significa dizer que o debate em torno desses conceitos seja consensual.
A Geografia também percorreu uma trajetória até chegar a entender o Espaço Geográfico como conceito-chave, portanto, como seu objeto. E, até hoje, existem debates em torno desse tema. Santos reconheceu essa dificuldade, citando Santo Agostinho quando perguntado sobre o tempo: "Se me perguntarem se sei o que é respondo que sim; mas se me pedem para defini-lo, respondo que não sei" (Apud, Santos, 1986).
O mesmo pode ser dito do espaço.
Alguns conceitos foram privilegiados na história do pensamento geográfico. A geografia considerada tradicional , por exemplo, elegeu os conceitos de paisagem e região como objetos da ciência geográfica, na tentativa de afirmar-se frente a outras ciências. Surgiram conceitos como:

paisagem natural, paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de áreas. Outras correntes, como sugeriu Capel (1986), apresentaram, através de alguns geógrafos, o determinismo ambiental que permitiu uma abordagem regional influenciada pelo naturalismo.
Embora o espaço não tenha sido considerado conceito-chave pela Geografia tradicional, o espaço é visto como base fundamental para as análises geográficas. Ratzel , de acordo com Moraes (1993) desenvolve dois conceitos fundamentais: o conceito de território e o de espaço vital. O território é para ele relacionado ao equilíbrio entre a capacidade técnica de produção e os recursos existentes. Já o espaço vital remete à "capacidade de manutenção desse território" (Moraes, 1993), a própria razão de ser do Estado.
Já na interpretação de Hartshorne, citado por Moraes, (1992) o espaço é absoluto, uma visão kantiana: "... o espaço é considerado condição da possibilidade dos fenômenos e não uma determinação dependente destes; é uma representação a priori que subjaz necessariamente aos fenômenos externos" (Kant, 1987, p. 41).
Com esse tipo de reflexão, a Geografia seria a ciência que estudaria todos os fenômenos organizados espacialmente. Por exemplo, a História, sob a mesma perspectiva kantiana, estudaria os fenômenos relacionados ao tempo.

A nova Geografia do Pós-Guerra

Numa concepção de unidade epistemológica da ciência, fundamentada teoricamente nas ciências da natureza, privilegiando a Física, o espaço aparece, segundo Corrêa (2001), como um conceito-chave. Tanto o conceito de região quanto o de paisagem são colocados em segundo plano .
O espaço passou a ser considerado sob duas formas: uma denominada por Corrêa (2001) como noção de planície isotrópica e, outra, como representação matricial.
A idéia de planície isotrópica parte de conteúdos referentes à geomorfologia, ao clima e à vegetação e, ainda, à ocupação do espaço físico pelo homem, sua localização, distribuição. Sob forte influência da Economia, nascem conceitos como espaço homogêneo, diferenciação espacial. O todo espacial principalmente sob a ótica da Economia. Houve um período de fragmentação que trouxe conseqüências marcantes para a Geografia, criando dicotomias e vários campos disciplinares. Por isso, é importante ressaltar a crítica de Douglas Santos : "Para a física criou-se a geografia física, para a biologia criou-se a biogeografia, para a economia, criou-se a geografia econômica e para a sociologia criou-se a geografia humana" (2002, p. 187).
Com essa observação, podemos antecipar que faltou ao conceito de espaço uma identidade geográfica. Assim, não é só o objeto que está em jogo, mas a própria ciência.
A idéia de representação matricial está fundamentada igualmente nas proposições econômicas, em que o espaço deve se constituir em meios operacionais que facilitam o conhecimento sobre localização, buscando uma especialização funcional que atenda a lógica do modelo capitalista. Utiliza-se uma racionalidade econômica que significa uma combinação perfeita à a-historicidade dos fenômenos sociais na compreensão da organização espacial.
Harvey (1993), acertadamente, questiona e afirma que diferentes práticas sociais estabelecem diferentes conceitos de espaço, inaugurando o que foi chamado de **Geografia Radical ou Crítica.**

A década de 1970

Sobre a base de um terreno fértil: a crise do socialismo real e do capitalismo; nasce o debate entorno das contradições sociais nos países

centrais e, com mais ênfase, dos países periféricos. Na interpretação de Soja, a crise transformou o espaço produzido pelo capitalismo em um "receptáculo de múltiplas contradições espaciais" (Soja, apud Corrêa, 2001).
O que nos preocupa agora é o espaço humano ou espaço social. O espaço aparece efetivamente, na análise marxista, a partir das obras de Yves Lacoste (1976), Henri Lefèbvre (1976), David Harvey (1989) e Milton Santos (1978).
A década de 1970 marca o período do rompimento com a chamada geografia tradicional e fundamenta-se no materialismo histórico e na dialética marxista.

Em busca de um objeto

Não estamos preocupados com as possíveis divergências de concepção entre os autores. O que nos preocupa e interessa agora é tentar conceituar o que é espaço humano ou social, eleito por Santos (1978) como objeto principal da ciência geográfica. Para ele, "o espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho" (Santos, 1986 p. 119).
Nessa concepção, o espaço não é apenas um reflexo da sociedade, mas um produto da sociedade. Isso porque é a "morada do homem", é o seu lugar de vida e de trabalho.
É uma realidade objetiva, resultado histórico dos conflitos sociais. "... sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também espaço social" (1986, p.120).
Para Santos, espaço é visto como um fator social – "o espaço dispõe de certa autonomia" (1986, p. 145). Considera que "o espaço não pode ser apenas um reflexo do modo de produção atual porque é também reflexo dos modos de produção do passado" (Idem). O espaço é uma instância da sociedade. Forma é o visível, um conjunto formado por objetos, o arranjo, bairro, uma cidade; função é a atividade desempenhada pelo espaço, a vida no cotidiano, o trabalho, as atividades imateriais que dão forma aos objetos; o processo, associado à estrutura, é, segundo Corrêa, "definido como uma ação que se realiza de modo contínuo, implicando tempo e mudança" (2001, p.29).
Os modos de produção tornam-se concretos numa base territorial historicamente determinada pelos modos de produção e pelas forças produtivas. As formas espaciais constituem, dessa forma, sujeito e objeto na produção do espaço geográfico.
Essa concepção é que identifica os pesquisadores que adotaram o materialismo histórico e dialético como paradigma.
Uma análise do espaço geográfico deve considerar o conjunto de todas essas categorias, pois, considerando só o processo e a estrutura, estamos fazendo uma observação não espacial, portanto não geográfica. Caso optemos por analisar a forma, estaríamos também considerando o espaço apenas pela aparência, uma mera descrição, abandonaríamos a essência das relações que produzem a aparência, a forma. E priorizando a função do espaço nos levaria a uma análise psicológica ou sociológica; logo não geográfica.
Por isso que, para Santos, a base do conhecimento e da interpretação da realidade espacial não pode ser encontrada somente através das sensações ou da percepção. "...Só através de sua própria produção é que o conhecimento do espaço é atingido" (Santos, 1986, p.128).
Mas, não desconsidera de todo a importância da percepção na construção do conhecimento geográfico quando cita: "A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar verdadeiro o que é só aparência" (Santos, 1997, p. 62).

E quanto confere uma definição a lugar diz que: “lugar é antes de tudo, uma porção da face da Terra identifica por um nome” (Santos, 1986, p. 121). E afirma que o conceito de lugar do ponto de vista psicológico nos é imposto antes do conceito de espaço. Essa concepção nos aproxima muito do conceito de espaço vivido que, em outras palavras, significa espaço cotidiano, portanto, entendido como lugar.
Santos parece ter refutado o conceito de lugar por acreditar que, do ponto de vista teórico e epistemológico, o conceito de espaço precede o conceito de lugar. Entretanto, ao afirmar que:

“Através do entendimento do conteúdo geográfico do cotidiano poderemos, talvez, contribuir para teorização dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade esse componente imprescindível do espaço geográfico” (Santos, 1999).

Essa concepção de lugar proposta por Santos nos permite trabalhar o conceito de espaço geográfico e lugar de forma conjunta. O que irá variar nas concepções entre a aplicação de um conceito e outro será o uso das escalas que varia do local ao global.

Considerações Finais

Levamos em conta que o espaço desempenha funções decisivas na estruturação de uma totalidade. Lefébvre (1976) considera, ainda, que o espaço não é nem um ponto de partida (espaço absoluto) nem um ponto de chegada (espaço como produto social), mas entende o espaço como mediador. O espaço, nessa perspectiva, é o lugar da reprodução das relações sociais de produção e da reprodução da sociedade.
O texto e as referências bibliográficas analisadas buscam uma concepção de espaço a partir de uma avaliação contrária àqueles que não consideram o espaço como produção social.
Dessa forma, acaba por nos permitir trabalhar tendo como objeto da geografia o espaço geográfico na dimensão do lugar (espaço vivido). Uma escala mais próxima para entender as dimensões de diferentes espaços a partir do lugar, agora definido por Santos como:

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática de mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (Santos, 1999, p. 258) .

Com esse quadro teórico enfrentaremos o desafio de compreender como os alunos do ensino fundamental constroem suas concepções de espaço geográfico e lugar. Levando em conta que o espaço vivido é marcado por uma afetividade, manifestando-se, tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares, como a movimentação espacial. Resgatando assim Tuan que nas suas interpretações:

“As relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde como o de lugar. ´Espaço` é mais abstrato do que ´lugar´. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar á medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor”. (Tuan, 1983, p. 6).

Não perdendo de vista que são os elementos de bases materiais que constroem a consciência do sujeito e permite que este seja agente de sua própria história. Pois o simples fato de viver não confere ao sujeito uma

ampliação da concepção de mundo e das relações complexas que nele se estabelecem.

Como tentamos ver, o espaço não é um pano de fundo, neutro. Não é apenas um reflexo da sociedade nem um fato social apenas. O espaço é uma estrutura social dotada de uma dinâmica própria (Santos, 1978).

Estendemos que o tema não se esgota, nem houve pretensão nesse sentido. Entretanto, a crítica será sempre bem vinda, desde que acompanhada de critérios fundamentados teoricamente através de pesquisas que visam ampliar e enriquecer o debate sobre o tema.

Referências Bibliográficas:

CAPEL, Horácio. Filosofia y ciência em la Geografia Contemporânea.Barcelona: Barcanova, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato et. alli. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. pp. 15-47.

COSTA, Sueli I. R. A concepção de espaço em matemática: a noção de dimensão. In. In. Miguel,
Antônio et. alli (org) Representações do Espaço multidisciplinaridade na Educação. São Paulo:
Autores Associados, 1996. pp. 113-121.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: dicionário de língua
portuguesa 3a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. 8a edição. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. Espaço e Tempo. In: Enciclopédia das Ciências Filosóficas em
Epítome. Filosofia da Natureza, pp. 18-27 e 116-144 Lisboa: edições 70, 1969. Volume II.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo, Petrópolis: Vozes, 1989. 2 v.

HOLANDA, Aurélio Buarque. Dicionário da língua portuguesa. Novo Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOMERO. Odisséia. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. Ilíada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

INWOOD, Michael. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. Dicionário Heidegger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. Os pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1987. pp.40
58.

LEFEBVRE, Henri. L'idéologie structuraliste. Paris: Éditions anthopos, 1971.pp.161-187. .

_____.El espacio. In. Espacio y polytica. Barcelona: Península, 1976.

MICELI, Paulo. A terceira margem – notas sobre a representação do espaço no trabalho do historiador. In. Miguel, Antônio et. alli (org) Representações do Espaço multidisciplinaridade na Educação. São Paulo: Autores Associados, 1996. pp.7-15.

MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. Geografia, pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Douglas. A reinvenção do Espaço – Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.São Paulo: Unesp, 2002.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. 3a edição. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985a.
_____. Metamorfose do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1985b.
_____. O espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.
_____. A natureza do espaço – Técnica e Tempo, Razão e Emoção 3a. edição. São Paulo: Hucitec,1999.
SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar. 1a. edição.São Paulo: Difel, 1983.

Notas

Entendemos que, na concepção filosófica do materialismo dialético, espaço e tempo são duas dimensões de uma mesma realidade: a materialidade do mundo. Não há matéria fora do espaço e do tempo, como também não espaço e tempo fora da matéria.

Estamos fazendo referência à citação da Gênesis, livro das escrituras sagradas, que influenciaram de forma crucial o pensamento ocidental. O que não significa uma coleta de dados, mas um registro, que por mais que tenha sua autoria duvidosa serve como referencia a milhares de pessoas. Referência feita pelo Professor Dr. Douglas Santos no lançamento do livro A reinvenção do espaço em palestra realizada na FFP-UERJ em 2002

Na idade moderna, os conflitos entre as nações fazem com que o conceito de espaço seja utilizado como território. Espaço de disputa de poder.

História do Pensamento Ocidental, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001, 2ª edição.

Para Hegel, Natureza é o oposto ao homem. Atribui a Natureza como essência, por exemplo, à existência da natureza humana.

A representação para Hegel é usada para apresentação de algo, significa representar, expor, exibir conceber. Ver: Dicionário Hegel, Michael Inwood, editora Jorge Zahar Editor, 1997.

Ver Dicionário Heidegger, Jorge Zahar Editor, p. 49.

Para uma contribuição que contemple o conceito espacialidade na epistemologia da geografia ver também: EDWARD, Soja, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

Paradigma.

Dicionário Aurélio Buarque de Holanda do Século XXI.

Que quer dizer o território que representaria o equilíbrio entre a população residente e os recursos disponíveis para as suas necessidades. In. Corrêa, Roberto Lobato, Região e Organização Espacial, São Paulo, Ática, 1998, 6ª edição, p. 11.

Representações do Espaço – Multidisciplinaridade na Educação, São Paulo, Autores Associados, 1996 (p. 51-68).

A Geografia que envolvia concepções vinculadas ao positivismo e ao historicismo.

O espaço é visto como fundamental à vida do homem. In Geografia Pequena história crítica, Moraes, Antônio Carlos Robert, 1993, São Paulo, Hucitec, 12ª edição, (p. 52-60).

Chamada de Geografia teorética-quatitativa.

Na verdade, os conceitos que foram surgindo durante toda a história do pensamento geográfico não desapareceram, mas são tratados sob novos paradigmas.

Concepção de espaço derivada de um paradigma racionalista hipotético-dedutivo.

A reinvenção do Espaço (2002).

Período em que surge a Geografia fundamentada no materialismo histórico/dialético.

Espaço social ou humano é sinônimo de espaço geográfico.

A Natureza do Espaço – técnica e tempo – razão e emoção. O último texto de pesquisa publicado em forma de livro em vida.